

PORTAS FECHADAS

OS SERVIDORES DA FUNDAÇÃO CULTURAL ESTÃO EM GREVE DESDE O DIA 12. O RESULTADO É O CANCELAMENTO E A TRANSFERÊNCIA DE SHOWS, PEÇAS TEATRAIS E ESPETÁCULOS DE DANÇA PARA LOCAIS FORA DO CIRCUITO OFICIAL. ALGUNS PRODUTORES ACREDITAM

QUE A DECISÃO TRAZ PREJUÍZOS E AJUDA A FORMAR UMA IMAGEM NEGATIVA DA CIDADE.

Natal Eustáquio
Da equipe do Correio

O cenário estava montado. Já vestidos, os 35 atores terminavam a maquiagem para entrar em cena pela primeira vez. Iam apresentar *O Inspetor Geral*, de N. Gogol. Uma hora antes da estréia, foram surpreendidos. O comando da greve dos servidores do Governo do Distrito Federal exigiu que todos abandonassem o teatro.

A cena em questão, vivida na sexta-feira da semana passada pelos alunos da oficina de teatro do diretor Alberto Bruno, na Casa do Teatro Amador, se repetiria com outros espetáculos ao longo da semana. Shows, mostras de cinema, apresentações de dança, tudo foi cancelado.

Com os servidores da Fundação Cultural parados desde o dia 12 de dezembro, o comando de greve do Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais e Recreativas no DF (Senalba) não se contentou apenas com a paralisação. Expulso alguns artistas e impediu a entrada de outros nos espaços culturais.

"O espetáculo era o resultado de quatro meses de trabalho. Durante uma hora e meia tentamos negociar, sem sucesso. No final da noite, nos disseram que poderíamos nos apresentar sábado e domingo", diz Bruno. "Fomos colocados para fora do teatro", afirma o ator Antonio Fábio.

ARRECADAÇÃO

Até agora, os prejuízos causados pela greve são incalculáveis, assegura o diretor-executivo da Fundação Cultural, Nilson Rodrigues. "Com certeza, perdemos grande arrecadação. Esperamos que tudo se resolva o mais rápido possível", diz ele.

Vários espetáculos foram cancelados, adiados ou então transferidos para outros palcos (*veja quadro*). A apresentação do Coral da Catedral de Saint Paul de Londres, prevista para o dia 14 na Villa-Lobos, foi transferida de última hora para a Igreja Presbiteriana Nacional, na 906 Sul.

Já a programação do Cine Brasília está suspensa desde o início da greve. Dez filmes deixaram de ser exibidos, além da Mostra de Cinema Chinsês que aconteceria de 17 a 21 de dezembro. "Apenas servidores em cargo de confiança e chefias estão trabalhando", afirma Rodrigues.

Um dos primeiros espetáculos a ser cancelado foi o show do grupo Casseta & Planeta, marcado para o dia 12 na Sala Villa-Lobos. Com o cancelamento, o produtor Valdemar

Divulgação



...E Sonha Lobato?, montagem do grupo Alaya Dança, foi um dos dez espetáculos cancelados devido à greve iniciada pelos servidores da Fundação Cultural no último dia 12 de dezembro

Cunha amargou prejuízo de exatos R\$ 26.586,00 e muita dor de cabeça.

"Paguei cachê, anúncios na TV e jornais, folders, hotel, passagem. Só fiquei sabendo da greve quando recebia o grupo no aeroporto", revela Cunha, que chegou a contratar equipe de técnicos para fazer o espetáculo, mas foi barrado pelos sindicalistas.

"Eles nos impediram de entrar no teatro. Tenho convivência boa com os servidores da FCDF. O problema é o sindicato que não tem preocupação com ninguém, nem com a comunidade nem com os próprios trabalhadores", acredita ele, que diz estar "chateadíssimo".

MANDADO DE SEGURANÇA

Não é a primeira vez que isto acontece. "Já tive de cancelar show do Roberto Carlos, quando ele faria aqui sua primeira apresentação em teatro. Este ano, cancelamos Tom Cavalcante e Ney Matogrosso só se apresentou porque conseguiu mandado de segurança."

Fatos como este, lembra Cunha,

depõem contra a imagem de Brasília. "O próprio Ney e o Chico Buarque não querem vir se apresentar aqui mais. A cidade perde muito com isto. Eles querem medir forças com o governador e nós é que pagamos o pato. Não têm responsabilidade com nada."

Betty Werberich, assistente de Artes do Conselho Britânico — que trouxe o Coral da Catedral de Saint Paul a Brasília — lamenta o ocorrido e concorda que episódios como estes maculam a imagem da cidade. "Isso repercute de maneira muito negativa."

Somente na manhã da véspera da apresentação do coral, destaca Betty, ela ficou sabendo da greve. "O grupo reagiu muito mal e queria cancelar tudo", conta. Para viabilizar a récita, ela convocou oito funcionários do próprio Conselho.

Antes, porém, Betty tentou negociar com o comando de greve, afirmando que teria condições de promover a apresentação sem utilizar os serviços dos servidores do teatro. "Não nos deixaram entrar. Disseram

que a sala estava trancada e que ninguém sabia onde estava nada."

O produtor inglês John Bickley, da Magenta Music International, segundo Betty Werberich, afirmou que não sabe como vai convencer patrocinadores a apoiar a vinda de novos eventos à cidade. "Dificilmente vou incluir Brasília em outras turnês", teria dito Bickley.

A truculência do comando de greve foi tamanha que um piquete feito na Fundação Cultural impediu que até os músicos da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional entrassem na casa para ensaiar. No dia 12, o grupo se apresentaria na cerimônia de inauguração da iluminação de Natal, na Esplanada dos Ministérios.

INSULTOS

A apresentação acabou sendo cancelada. O comando de greve não se sensibilizou nem mesmo com a intervenção pessoal do secretário de Cultura, Silvio Tendler. Ao contrário. O presidente do Senalba, Pedro Hen-

rique Ferreira, destratou o secretário.

"Foi um absurdo. Ele insultou o secretário. É um desrespeito, afinal o Silvio é uma autoridade, um secretário de Estado", espantou-se o produtor Valdemar Cunha, que presenciou a cena ocorrida na quinta, dia 12, no gabinete de Tendler.

"Ele foi destemperado. Disse um monte de palavras impúblicas. Só me restou pedir a ele que se retirasse da sala. Queremos evitar violência, ainda que a maior violência esteja sendo cometida contra o público", comentou Tendler.

ÂNIMOS ALTERADOS

Os servidores da Fundação Cultural cruzaram os braços no dia 12 de dezembro, e exigem do governo o pagamento do 13º salário. Pedro Henrique Ferreira afirma que os ânimos da categoria há tempos estavam alterados. "O anúncio do atraso no pagamento foi a gota d'água", diz ele.

A insatisfação dos servidores, segundo Ferreira, começou em janeiro,

quando o governo voltou atrás na decisão de comprar dez dias das férias do funcionalismo. "Em julho, novo golpe. Ele cortou 45% da gratificação de chefia dos servidores do quadro."

Com o não-pagamento da primeira parcela do 13º salário no dia 29 de novembro, os 178 servidores da Fundação Cultural — cujo quadro é de 564 funcionários —, que compareceram à assembléia no dia 11 de dezembro, optaram pela greve.

"Em 48 horas tudo estava parado. Em julho o governo anunciou contenções para garantir o 13º em dia. As pessoas confiaram e agora estão com conta estourada no banco. Há quatro meses o governo também não paga as horas extras do pessoal da FCDF", revela Ferreira.

O líder sindical tenta justificar a postura do comando de greve — de impedir o acesso de artistas às salas de espetáculos — afirmando que, de acordo com estatuto da Fundação Cultural, os servidores assumem responsabilidade sobre o patrimônio com o qual trabalham.